ANAIS
Simpósio Internacional de Língua, Literatura e Interculturalidade (SIELLI)
e Encontro de Letras
www.sielli.ueg.br
POSLLI
Universidade Estadual de Goiás
09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020

A NEGAÇÃO NA FALA DE GOIÁS-GO

THE DENIAL IN THE SPEAKING OF GOIÁS-GO

Vander Simão Menezes[1]

Resumo:
Este artigo se insere como uma parte constituinte da dissertação que está sendo elaborada junto ao programa de Pós-graduação Stricto Sensu em Língua, Literatura e Interculturalidade (POSLLI/UEG/Cora Coralina). O fenômeno a ser investigado é a variação entre os operadores de verificação de negação em dados da fala da Cidade de Goiás - GO. Assim sendo este artigo abordará o envelope de variação que será analisado na dissertação. No PB, há três maneiras de se realizar a negação: com o advérbio anteposto ao verbo (NEG1); com o advérbio marcado duas vezes, antes e depois do verbo (NEG2); e com o advérbio posposto ao verbo (NEG3). A forma mais tradicional de marcação da negação é a anteposição do advérbio ao verbo. O *corpus* do trabalho é constituído por amostras de língua oral do município Goiás, localizado no Estado Goiás, Brasil. Para isso, lança-se mão do banco de dados de dois grupos de estudo: o Grupo de Estudos Funcionalistas, da Universidade Federal de Goiás (GEF/UFG); e do Grupo de Estudos e Pesquisas em Sociolinguística, da Universidade Estadual de Goiás (Sociolinco/UEG/Cora Coralina). A partir daí, será realizada uma análise multivariada com o programa R. Espera-se que os resultados apontem para uma variação estável, ou seja, acredita-se que o falante vilaboense, diante da necessidade de expressar a negação sentencial, optará ora por NEG1 ou NEG2, ou, mais remotamente, por NEG3, sem prejuízo ao valor de verdade da sentença (LABOV, 2008), seguindo a tendência que também ocorre em comunidades de fala.

Palavras-chave: Variação linguística. Negação. Sociofuncionalismo.

Abstract:
This article is part of the dissertation that is being prepared with the Stricto Sensu Graduate Program in Language, Literature and Interculturality (POSLLI/UEG/Cora Coralina). The phenomenon to be investigated is the variation between the operators of verification of denial in speech data from the City of Goiás - GO. Therefore, this article will address the variation envelope that will be analyzed in the dissertation. In PB, there are three ways to perform the negation: with the adverb before the verb (NEG1); with the adverb marked twice, before and after the verb (NEG2); and with the adverb postponed to the verb (NEG3). The most traditional form of marking negation is the preposition of the adverb to the verb. The corpus of the work consists of samples of oral language from the municipality of Goiás, located in the State of Goiás, Brazil. For this, the database of two study groups is used: the Group of Functional Studies, from the Federal University of Goiás (GEF/UFG); and the Sociolinguistics Study and Research Group, at the State University of Goiás (Sociolinco/UEG/Cora Coralina). From there, a multivariate analysis will be carried out with the R program for the construction of the dissertation. It is expected that the results point to a stable variation, that is, it is believed that the Vilaboense speaker, faced with the need to express sentimental negation, will now choose NEG1 or NEG2, or, more remotely, NEG3, without prejudice to truth value of the sentence (LABOV, 2008)

[1] Mestrando do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Língua, Literatura e Interculturalidade – POSLLI/UEG. E-mail: vander.simao@gmail.com.

Key words: Linguistic variation. Denial. Sociofunctionalism.

Introdução

Este artigo se insere como uma parte constituinte da dissertação que está sendo elaborada junto ao programa de Pós-graduação Stricto Sensu em Língua, Literatura e Interculturalidade (POSLLI/UEG/Cora Coralina). O fenômeno a ser investigado é a variação entre os operadores de verificação de negação em dados da fala da Cidade de Goiás - GO. Assim sendo este artigo abordará o envelope de variação que será analisado na dissertação.

A mudança linguística é um fenômeno intrínseco às línguas naturais. Logo, a descrição da fala é fundamental para uma maior compreensão das características da modalidade oral. No que se refere ao Português Brasileiro (doravante, PB), tal tarefa se torna importante para promover o mapeamento das variedades presentes nas mais diversas regiões do país.

O presente trabalho aborda a variação da negação sentencial, marcada pelo advérbio *NÃO*. No PB, há três maneiras de se realizar a negação: com o advérbio anteposto ao verbo (NEG1); com o advérbio marcado duas vezes, antes e depois do verbo (NEG2); e com o advérbio posposto ao verbo (NEG3). A forma mais tradicional de marcação da negação é a anteposição do advérbio ao verbo.

O falar vilaboense será o objeto de análise, constituindo o *corpus*. Esse *corpus* se compõe por entrevistas oriundas de dois bancos de dados: o do Grupo de Estudos Funcionalistas, da Universidade Federal de Goiás (GEF[2]/UFG); e o do Grupo de Estudos e pesquisas em Sociolinguística da Universidade Estadual de Goiás (Sociolinco[3]/UEG/Cora Coralina). A partir desses corpora, propõe-se um *estudo de tendência*:

> Para estudos que investigam a mudança linguística em tempo real, precisamos de uma metodologia de coleta própria [...]: coletar amostras aleatórias mas com a estratificação social idêntica, da mesma comunidade de fala, relativas a dois momentos diferentes, com o objetivo de perceber a estabilidade e/ou a mudança na comunidade. O pesquisador retorna à comunidade de fala (cerca de 20 anos depois), entrevistando informantes que se enquadrem nas mesmas características sociais dos anteriores – ou seja, se 20 anos antes entrevistou informantes na faixa de 40 anos, 20 anos depois entrevistará informantes com 60 anos. Esse é um estudo de tendências. (COELHO *et al*., 2010, p. 128).

As entrevistas selecionadas foram gravadas, respectivamente, em 2003 e 2019, possibilitando um estudo do fenômeno em tempo real. A respeito do *locus* escolhido para a coleta de dados, Silva (2005, p. 58), em sua dissertação, argumenta que:

> [A] cidade de Goiás [...] constitui uma comunidade de fala importante para o estado de Goiás e para o Brasil, dado o seu passado colonialista e, por isso, a

[2] Disponível em: https://gef.letras.ufg.br/p/11948-banco-de-dados. Acesso em 17 de ago. de 2020.
[3] Grupo de Pesquisas e Estudos em Sociolinguística da Universidade Estadual de Goiás, Câmpus Cora Coralina, coordenado pela Professora Marília Silva Vieira

> possível contribuição da fala local para o entendimento de processos de mudança, relacionados aos aspectos de conservadorismo e de inovação na língua.

Nesse sentido, buscou-se constituir o *corpus* a partir de dados do município de Goiás, a fim de averiguar as possíveis marcas de *conservadorismo* ou de *inovação* (SILVA, 2005, p. 58) no que diz respeito à negação sentencial.

A base teórica para a pesquisa é o Sociofuncionalismo, interface teórica entre a Sociolinguística Variocionista (LABOV, 2001; 2008) e o Funcionalismo linguístico (GIVÓN, 1995), pois aborda os aspectos sociais, linguísticos e estilísticos da variação (TAVARES; GÖRSKI, 2015). Essa perspectiva vai nortear o presente estudo, visto que esta variação é um recurso utilizado pelo falante para significar o mundo à sua volta.

A partir dessa perspectiva, entende-se que a análise estatística dos dados de fala coletados poderá ser a interface para uma análise dos fatores que motivam a variação. Cabe ressaltar, além disso, que a análise variacionista pode ser acrescida dos seguintes fatores, ao se unir a uma abordagem funcionalista:

> (i) controle mais refinado de grupos de fatores linguísticos, com a incorporação de restrições do âmbito discursivo/pragmático [...] com tratamento analítico escalar; (ii) possibilidade de tratar como variáveis fenômenos tipicamente funcionais [...]; (iii) consideração mais detalhada do aspecto social da variação, refinando fatores a fim de incorporar aspectos interacionais concernentes à negociação entre falante e ouvinte na situação comunicativa. (TAVARES; GÖRSKI, 2015, p. 254).

Entende-se, também, que a união da Sociolinguística Variacionista ao Funcionalismo pode ser bastante produtiva para a abordagem do fenômeno em questão. Logo, o objetivo desta pesquisa é verificar as possibilidades de variação da negação, a saber, as variáveis NEG1, NEG2 e NEG3.

O artigo está organizado da seguinte forma: na seção *Fundamentação Teórica* se apresenta, brevemente, a interface teórica entre Funcionalismo e a Sociolinguística Variacionista, o Sociofuncionalismo; em seguida, em *Metodologia*, apresenta-se a metodologia utilizada para o levantamento dos dados; depois disso, em *Envelope de Variação*, faz-se a apresentação dos dados obtidos nesta etapa inicial da pesquisa; por fim, a *Conclusão* apresenta os caminhos que serão seguidos a fim de entender essa variação presenta na fala vilaboense.

1 Fundamentação Teórica

Esta pesquisa se funda na necessidade, ainda existente, de se discutir o conceito de variável linguística em um nível de análise variacionista, que extrapole a convencional abordagem fonético-fonológica. Segundo Lavandera (1984, p. 42):

> [...] as unidades de níveis além do fonológico, digamos um morfema, um item lexical ou uma construção sintática, cada uma tem um significado por

> definição. Não são como fonemas, que por definição não possuem 'referência constante' [...] (LAVANDERA, 1984, p. 42, tradução nossa). [4]

Assim sendo, não basta analisar simplesmente as ocorrências das formas do *NÃO*, é necessário analisar sua equivalência semântica. No contexto dos estudos de "Língua e Interculturalidade", esta pesquisa encontra respaldo no sentido de averiguar a variação na marcação da negação sentencial na fala goiana e quais fatores influenciam essas escolhas. Além disso, é possível averiguar em quais contextos essas variantes possuem o mesmo valor de verdade.

Além de descrever as tendências de uso do *NÃO* na fala da Cidade de Goiás, uma questão que é relevante é analisar, na dissertação, se essas formas são sempre intercambiáveis, ou seja, se possuem sempre o mesmo valor de verdade. Afirma-se isto, pois, segundo Rocha (2013, p. 18):

> [...] com NEG2 e com NEG3 sempre se está retomando uma proposição anterior. Nesses casos, NEG1 também pode ocorrer. Portanto, sempre que NEG3 é possível, NEG2 também o é (e NEG1 também). Quando NEG2 é possível, não necessariamente NEG3 poderia figurar no mesmo contexto (mas NEG1 sim). Finalmente, nem sempre quando NEG1 é possível, NEG2 e NEG3 também o são.

Em outras palavras, segundo Rocha (2013), uma proposição com NEG2 ou NEG3 é possível se o que está sendo negado foi anteriormente ativado no discurso. Essa ativação não precisa ser, necessariamente, explícita, sendo necessário apenas sua inferência.

Nessa comunidade linguística, será investigado o possível significado social de cada variante. Logo, será possível aferir se a fala vilaboense se assemelha ou se distancia de outras variedades do PB, como a capixaba (YACOVENCO; NASCIMENTO, 2016) e a paulistana (ROCHA, 2013). Esses estudos apontam que na fala capixaba a dupla negação é uma tendência bastante forte e na paulistana o fenômeno é menos frequente. Desse modo, pretende-se verificar o estágio dessa variação no interior do estado de Goiás. Apesar da maioria das ocorrências apontarem para NEG1, acredita-se que NEG2 surge como uma variável forte.

Por isso, cabe averiguar, a partir desta pesquisa como se configura o quadro de variação na Cidade de Goiás e se a escolha de cada variante é influenciada por fatores sociais, tal como escolaridade, faixa etária e sexo gênero. Ao descrever um fenômeno sintático-semântico variável do PB que parece estar condicionado a influências socioculturais peculiares da realidade goiana e que englobam a percepção dos falantes, tal pesquisa mostra-se relevante no âmbito dos *Estudos de Língua e Interculturalidade*.

Ademais, como citado anteriormente, esta pesquisa se valerá da interface teórica entre a Sociolinguística Variacionista e o Funcionalismo Linguístico, o Sociofuncionalismo, visto que, segundo Görski e Tavares (2017, p. 08), essas correntes teóricas "consideram a

[4] "[...] las unidades de nivéles más allá del fonológico, digamos un morfema, un ítem lexical, o una construcción sitáctica, tienen cada una por definición un significado. No son como los fonemas, los cuales, por definición no tienen ninguna 'referencia constante'[...]".

heterogeneidade e a instabilidade sistêmica" em suas análises. A partir disso, Görski e Tavares apontam que:

> [...] uma visão ampla da mudança, que podemos denominar sociofunionalista, contempla análises de fatores internos e externos à constituição sistêmica: respectivamente, fatores linguísticos, relativos à constituição fonético-fonológica, morfossintática, semântica e discursivo-pragmática; e fatores sociais, como faixa etária, gênero etc. E também, são considerados fatores de ordem cognitiva, relativos, principalmente, à capacidade anafórica, metafórica e metonímica dos usuários da língua. (GÖRSKI; TAVARES, 2017, p. 9).

Compreende-se então que a interface que se toma como base aqui permite uma análise aprofundada dos fatores internos e externos relativos ao fenômeno. Assim sendo, entende-se que apesar da nítida diferença das diversas línguas humanas, elas apresentam algumas regularidades que permitem a análise das tipologias gramaticais em relação aos domínios funcionais. Visto que, a situação comunicativa será o motor que guiará a escolha dos falantes.

A Sociolinguística, por sua vez, defende a possível existência de formas distintas da mesma língua com o mesmo valor de verdade coexistindo nas comunidades de fala, quase que na mesma proporção, nas várias sub-regiões geográficas de uma dada comunidade (WEINREICH *et al.*, 2007, p. 96). Segundo Weinreich *et. al*. (2007, p. 97):

> [...]tais formas compartilham as seguintes propriedades:
> (1) oferecem meios alternativos de dizer a "mesma coisa": ou seja, para cada enunciado *A* existe um enunciado correspondente *B* que oferece a mesma informação referencial [...].
> (2) estão conjuntamente disponíveis a todos os membros (adultos) da comunidade de fala. Alguns falantes podem ser incapazes de produzir enunciados *A* e *B* com igual competência por causa de algumas restrições em seu conhecimento pessoal [...].

Desse modo, acredita-se que em uma comunidade de fala, como a vialboense, a marcação de negação sentencial varie de acordo com o contexto de uso.

Segundo Castilho (2012, p. 135), "a interação verbal apoia-se no conhecimento de mundo suposto no interlocutor e no modo particular como esse conhecimento é entrevisto e categorizado". Essa perspectiva nos leva aos conceitos de duas categorias cognitivas: *moldura* e *perspectiva*. Castilho (2012, p. 136) afirma que a "moldura interativa é [...] uma orientação mútua para fins de interação, é uma atividade da fala". A segunda categoria se aproxima da noção de ponto de vista, geralmente se manifesta pela primeira pessoa. Assim, para que a perspectiva ocorra, mobilizam-se: "[...] voz verbal [...]; escolha lexical [...]; dêixis [...]; foco narrativo [...]" (CASTILHO, 2012, p. 136).

Diante do evento no mundo, o falante escolhe como vai externar essa informação levando em conta a moldura e a perspectiva. Castilho (2012, p. 129), ao discutir a respeito dos operadores de verificação, afirma que: "Em lugar de transferir propriedades, eles promovem uma comparação implícita entre seu escopo e o protótipo correspondente".

A partir disso, vale ressaltar que o operador de verificação usado no PB é, na maioria das vezes, o *NÃO*. Todavia, há outras maneiras de se marcar a negação, porém essas não serão abordadas neste estudo.

2 Metodologia

O *corpus* do trabalho é constituído por amostras de língua oral do município Goiás, localizado no Estado Goiás, Brasil. Para isso, lança-se mão do banco de dados de dois grupos de estudo: o Grupo de Estudos Funcionalistas, da Universidade Federal de Goiás (GEF/UFG); e do Grupo de Estudos e Pesquisas em Sociolinguística, da Universidade Estadual de Goiás (Sociolinco/UEG/Cora Coralina). As entrevistas que constituem o banco de dados do GEF foram gravadas no ano de 2003, tendo como informantes pessoas que não concluíram o ensino fundamental. Para complementar a análise, serão utilizadas as entrevistas oriundas do banco de dados do Sociolinco, gravadas no ano de 2019, com o mesmo perfil de informantes. Essas entrevistas garantirão um estudo em tempo real, abordando a língua falada na cidade em épocas diferentes.

Para que isso fosse possível, as entrevistas foram colhidas com um intervalo de 16 anos, o que permite a análise de tendência em tempo real. A pesquisa em tempo real se caracteriza por uma amostra randômica de uma determinada comunidade de fala que, depois de certo período é repetida. Assim, coletaram-se entrevistas no ano de 2003 e em 2019 gravaram-se outras entrevistas seguindo o mesmo roteiro e com informantes de mesmo perfil. A pesquisa de tendência se difere da de painel, pois esta exige que a entrevista seja realizada com os mesmos informantes abordados na primeira e aquela aborda outros informantes que possuam o mesmo perfil (FREITAG, 2005). Embora não permita abordar os mesmos informantes, essa metodologia viabiliza a análise da língua falada pela comunidade em duas épocas distintas, possibilitando uma abordagem panorâmica do fenômeno.

Para Freitag (2017) “A entrevista sociolinguística é resultado de um processo que se inicia com a seleção do informante, a sua adesão ao experimento e a realização da documentação em áudio propriamente dita”. (FREITAG, 2017, p. 22). Este, portanto, é um recurso bastante produtivo, pois possibilita a contemplação de diferentes estilos de fala, visto que abrange “tipos textuais/sequências discursivas e conteúdo específico/tópicos discursivos”.

Freitag (2017) define a entrevista sociolinguística como um método por meio do qual é possível registrar o vernáculo do informante, sendo necessário garantir a “confiabilidade (os mesmos resultados devem ser repetidos na análise de um mesmo fenômeno) e intersubjetividade (dois pesquisadores diferentes devem obter os mesmos resultados seguindo a mesma metodologia) da análise” (FREITAG, 2017, p. 18).

As entrevistas realizadas em 2019 seguiram os moldes de 2003, abordando informantes com o mesmo perfil socioeconômico e utilizando o mesmo roteiro das anteriores – como supracitado, isso é necessário para que as entrevistas possibilitem uma análise de tendências em tempo real. As entrevistas do banco de dados do GEF se dividem em duas faixas etárias. Cada uma delas é representada por 3 informantes de cada sexo/gênero. Todos eles têm padrão socioeconômico baixo, ou seja, em suas atividades profissionais, não lhes é exigido o domínio da norma culta. Em consonância a isso, as entrevistas do banco de dados do Sociolinco

(RIBEIRO, 2020) também são divididas em duas faixas etárias e cada uma delas é também representada por 3 informantes de cada sexo/gênero. Assim, no geral, o *corpus* é constituído por 2 faixas etárias, com 12 informantes cada uma, compostas por 6 homens e mulheres, totalizando 24 entrevistas, conforme tabela abaixo:

Tabela 1 – Distribuição dos informantes por faixa etária

	30-45 anos		**46-72 anos**		
	MASC.	**FEM.**	**MASC.**	**FEM.**	**TOTAL**
GEF	3	3	3	3	12
SOCIOLINCO	3	3	3	3	12
TOTAL	6	6	6	6	24

Fonte: elaborada pelo autor.

É importante frisar que, segundo Freitag (2017), a entrevista sociolinguística é "um protocolo que visa fazer emergir o vernáculo de um falante representativo de uma dada comunidade de fala" (LABOV, 1972 *apud* FREITAG, 2017, p. 18) que deve garantir a "confiabilidade (os mesmos resultados devem ser repetidos na análise de um mesmo fenômeno) e intersubjetividade (dois pesquisadores diferentes devem obter os mesmos resultados seguindo a mesma metodologia) da análise" (FREITAG, 2017, p. 18).

Para as entrevistas dos bancos de dados (GEF/UFG; e Sociolinco/UEG/Cora Coralina) o método seguido para a escolha de informantes foi a "amostragem de conglomerados não aleatórios de adesão voluntária por indicação ou julgamento" (FREITAG, 2017, p. 19), ou seja, a seleção dos informantes não ocorreu modo aleatório, mas, na verdade, buscou-se um primeiro informante e, feita a entrevista com ele, foi solicitada a indicação de outra pessoa que pudesse colaborar, formando, assim, redes de relações sociais (FREITAG, 2017).

Para isso, o pesquisador deve se inserir na comunidade e observar, de forma discreta, a fim de escolher o informante inicial. Isso deve ser feito seguindo alguns critérios: o informante deve desempenhar um papel de liderança na comunidade e não apresentar restrições fonológicas que prejudiquem a transcrição. Feito isso, ele indicará outros que possam ser informantes também. Para a realização da entrevista o documentador deve informar que o procedimento dura cerca de 1 hora e é registrado em áudio. O informante deve preencher a ficha social e, para vencer a hesitação inicial, pode ser feita uma checagem desta ficha no início da entrevista. Ainda a respeito da entrevista, é preciso levar em conta que a entrevista sociolinguística não é uma "conversa entre amigos" (FREITAG, 2017, p. 23), é importante que o informante fale mais que o documentador. Assim, apelar para assuntos que sejam mais emocionais pode ajudar a emergir o vernáculo.

Junto a isso, é necessário levantar dados históricos e oficiais que reflitam as características socioculturais do município, a fim de alcançar uma análise fidedigna. O objeto deste artigo se limitará ao envelope de variação, assim sendo, não serão apresentados dados obtidos a partir de softwares de análise estatística.

3 Envelope de variação

Ao descrever o fenômeno que será tomado para análise desta pesquisa, lançou-se mão da noção de que a negação, no PB, pode ocorrer de três formas, sendo elas: NEG1 – advérbio de negação anteposto ao verbo; NEG2 – dupla marcação da negação, anteposto e posposto ao verbo; e NEG3 – advérbio posposto ao verbo. A forma tradicional de marcação da negação sentencial é a NEG1. Sendo que, nesta pesquisa, considerar-se-á apenas as construções em que o advérbio, que desempenha o papel de estabelecer ausência de conformidade de uma dada proposição com um evento no mundo (CASTILHO, 2010, p. 576), seja exclusivamente o *NÃO* – considera-se variação do *NÃO*, quando em dupla negação, a forma *NUM* em que há um desgaste fonológico com a substituição do ditongo nasal por uma vogal nasal, forma que geralmente se antepõe ao verbo (CASTILHO, 2010, p. 576).

Nos exemplos abaixo, extraído do *corpus* Sociolinco, pode-se verificar essas ocorrências na fala da Cidade de Goiás (GO):

> (01) i você conheci tamém o ladu da pessoa porque agente imagina que as pessoas são tudu bonzinhas i **não** é nada dissu... (GO33FU-Helena[5])
> (02) Ele num… **num** deu a vorta por cima **não**… acho que faltou um pôco de Deus na cabeça dele ((risos)). (GO30MF-Carlos)
> (03) olha explico... tanto que eu falo pra ela assim... você tem que aprendé a costurá pra você consegui pagá a faculdade... mais não pra ficá como costureira... a não se qui vai costurá pra vendé né... mais pra costurá pro outros **não**... (GO30MF-Sérgio)

No excerto (01), ocorre a marcação da negação com o advérbio anteposto ao verbo; já no excerto (02), há a negação anteposta ao verbo e posterior ao mesmo, marcando duplamente a negação. O excerto (03), por sua vez, apresenta a marcação da negação posposta ao verbo.

A partir disso, considera-se a existência de um envelope de variação a partir dessas três variantes, o que resvala em seu valor de verdade dessas sentenças: é preciso considerar a possibilidade de alterar o tipo de negação presente nas sentenças sem alterar seu sentido. O excerto (01), por exemplo, teria o mesmo significado se figurasse NEG2 e não NEG1: "...i **não** é nada dissu **não**...". Nota-se que o significado se mantém, mesmo com a alteração do tipo de negação. NEG3 também preserva o sentido expresso na frase "...i é nada dissu **não**...". Assim sendo, pode-se entender que NEG1, nesse contexto, pode ser substituída por NEG2 e NEG3.

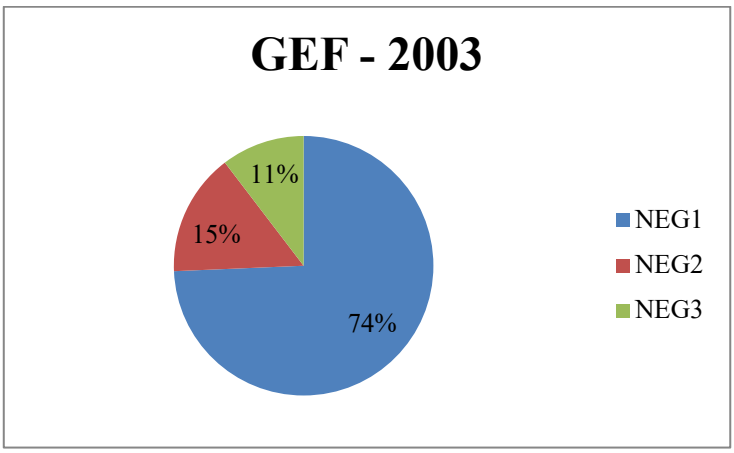
Já no Excerto (02) – em que é possível observar o desgaste fonológico mencionado anteriormente – há uma ocorrência de NEG2, sendo possível a substituição por NEG1 ou NEG3: "**num** deu a vorta por cima…"; "deu a vorta por cima **não**…". Por fim, no terceiro excerto, observa-se a ocorrência de NEG3 que também permite a substituição pelas outras duas

[5] Ocorrências extraídas do *corpus* gravado pelo Grupo de Estudos Funcionalistas da Universidade Federal de Goiás. A sigla refere-se ao código atribuído a cada informante. Desse modo, GO diz respeito à Cidade de Goiás, F corresponde a sexo/gênero feminino e M, a masculino; U indica Ensino Fundamental e os números dizem respeito à idade do informante. Por fim, segue-se o pseudônimo do falante.

variantes: “mais **não** pra costurá pro outros...”; “mais **não** pra costurá pro outros **não**...”. Assim sendo, entende-se que as três formas de negação constituam variantes de uma mesma variável.

As ocorrências encontradas no Banco de Dados do GEF (UFG) foram quantificadas a seguir:

Gráfico 1 – Ocorrências extraídas do Banco de Dados do Grupo de Estudos Funcionalistas (GEF/UFG)

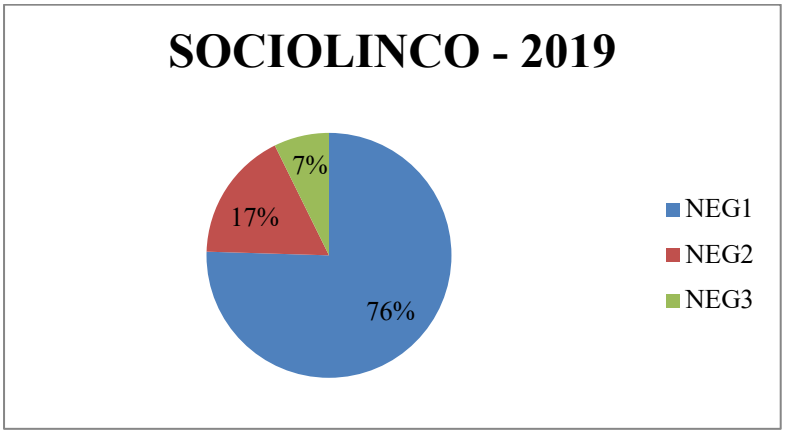


Fonte: Elaborado pelo autor.

Assim sendo, NEG1 surge em 1361 vezes, somando 74%, ao passo que NEG2 ocorre 280 vezes, 15% das ocorrências, e, por fim, NEG3 ocorre 190 vezes, 11%. O total de ocorrências encontradas, nesse banco de dados, é de 1831. Essa frequência de dados demonstra certa preferência dos falantes pela forma mais tradicional de negação no ano de 2003, seguida de NEG2 e NEG3.

Da mesma maneira, as ocorrências encontradas no Banco de Dados do Sociolinco (UEG) foram sintetizadas no gráfico abaixo:

Gráfico 2 - Ocorrências extraídas do Banco de Dados do Grupo de Estudos e pesquisas em Sociolinguística (SOCIOLINCO/UEG)



Fonte: Elaborado pelo autor

Neste caso, NEG1 surge em 828 vezes, 76% das ocorrências, ao passo que NEG2 ocorre 189 vezes, somando 17% dos dados e, por fim, NEG3 ocorre 80 vezes, 7% do total. O total de ocorrências, encontradas nesse banco de dados, é de 1097. É possível verificar uma diminuição das ocorrências de NEG3, aumentando 2% em cada uma das outras duas variáveis. Após a rodagem no R, será possível verificar a significância dessa alteração. Mas, em linhas gerais, o que se verifica é a mesma tendência de variação entre NEG1 e NEG2.

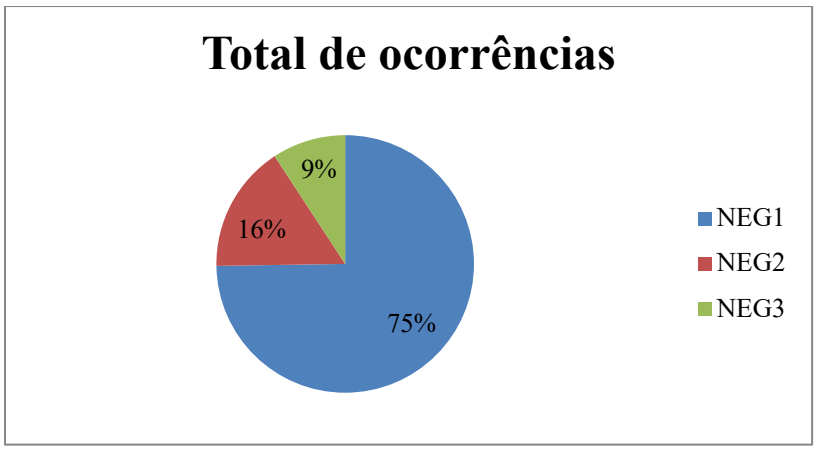
Além dessas ocorrências, também foram observadas ocorrências de *NÃO* que não se relacionavam com um sintagma verbal. Para os dados extraídos em 2003, foram encontradas 208 ocorrências desse tipo e para os dados de 2019 o *NÃO* isolado ocorreu 317 vezes. Na maioria dos casos esse advérbio surgia como resposta direta a uma pergunta do documentador, como em:

> (4) Doc. e aí aqui em Goiás. Cê já morou em outro lugar além desses dois aqui e lá no João Francisco?
> Inf. *não*...
> Doc. sempre morô nesse lá?
> Inf. esse... (GO31FF-Sara)

Essas ocorrências foram descartadas, pois, apesar de ser possível recuperar o que está sendo negado "[...] morou em outro lugar [...]", não há como afirmar se o informante optaria por NEG1 caso preenchesse todas as casas argumentais do verbo em sua fala, ao invés de optar pela elipse.

Por fim, vale ressaltar que as ocorrências, somando-se os dois bancos de dados, são de 2189 para NEG1, 469 para NEG2 e 270 para NEG3, totalizando 2928 negações distribuídas por todo o *corpus*. Essa distribuição pode ser observada no gráfico abaixo:

Gráfico 3 – Total de ocorrências



Fonte: Elaborado pelo autor.

A partir daí, realizar-se-á uma análise multivariada com o programa R. Assim, será possível entender quais as variáveis independentes realmente exercem influenciam na variação que é objeto desta pesquisa.

O R (R CORE TEAM 2013) é um software que auxilia a análise de dados. Ele permite selecionar, classificar, quantificar e visualizar a relação entre as variáveis dependentes e as independentes. Preparam-se os dados em uma planilha e se pode fazer a manipulação desses dados. Por ser um software que se baseia em scripts, a interface não é muito intuitiva, para isto, foi desenvolvido o "RStudio", que permite uma interação mais simplificada.

Ainda assim, é necessário, para a análise, que se insiram as linhas de comando que determinarão as ações e os cálculos realizados pelo programa – bem como a plotagem dos resultados em gráficos. Para facilitar este tipo de trabalho, usuários desenvolvem pacotes. O pacote, que será utilizado neste trabalho, é o "Tidyverse", desenvolvido inicialmente por Hadley Wickham (estatístico neozelandês, que também ajudou a desenvolver o próprio "R") e aprimorado pelos próprios usuários ao longo do tempo (VIEIRA, 2020). Ele contém funções e linha de comando simples, possibilitando maior facilidade para a manipulação dos dados.

Por conseguinte, sabe-se que alguns trabalhos abordam esta variação, dentre os quais, podem-se citar: Yacovenco e Nascimento (2016) que apontam para a tendência do uso da dupla negação em Vitória - ES, o número de ocorrências encontradas pelas autoras nesta localidade se aproxima dos que foram obtidos "em Natal (20,6%) e Fortaleza (18%) -, Sudeste - em Mariana/MG (19,5%), e se afastam dos obtidos na cidade de São Paulo (5,8%) e da região Sul - Curitiba (2,6%), Florianópolis (4,4%) e Porto Alegre (0,6%), onde predomina a negação pré-verbal." (YACOVENCO; NASCIMENTO, 2016).

4 Aspectos discursivo-pragmáticos e sintático-semânticos

Diante da variação observada na fala de Goiás-GO, verifica-se que as variáveis coocorrem na fala, sendo que o maior número de ocorrências é de NEG1, com 75%, seguida por NEG2, com 16%, e NEG3 é mais rara, ocorrendo apenas em 9% das vezes.

Ainda a respeito dos percentuais observados, como supramencionado, observa-se um aumento de ocorrências de NEG1 e NEG2 – e a consequente diminuição de NEG3 – em 2019 se se compara aos dados de 2003. Isso pode indicar que a NEG2 tem ganhado força em contextos comunicativos.

Cunha (2001) sustenta, em sua pesquisa, que a variação no domínio da negação é motivada por razões pragmáticas, ou seja, a economia e a informatividade exercem pressão nos contextos comunicativos, levando os falantes, muitas vezes, a se valer de uma forma inovadora, preterindo a forma canônica.

Todavia, como esta pesquisa não abordou textos escritos, a partir dos resultados de Cunha (2001) é possível afirmar que essa variação ocorre por conta de pressões sofridas nas interações sociais características da modalidade oral de comunicação, sendo bastante raras as ocorrências de NEG2 e NEG3 em textos escritos.

Além disso, a autora aponta um caminho para o surgimento das formas inovadoras de negação:

Esquema 1 – Estágio de reanálise da negação

[[não + SV] não]	>	[não + SV + não]	>	não [SV + não]	>	[SV + não]
1º estágio		2º estágio		3º estágio		4º estágio

Fonte: Adaptado de Cunha (2003, p. 20).

A autora chega este esquema argumentando que a dupla negação é um fenômeno sintático que possui motivações fonológicas. Ocorre que, por conta de pressões pragmáticas por economia houve o desgaste fonológico de NEG1: não>num. Mas, conforme a autora:

> Por um lado, no discurso falado rápido verifica-se uma tendência para a redução do signo. Por outro lado, quando um item (ou construção) é freqüentemente repetido, ele perde sua força expressiva. A repetição freqüente resulta, por economia, no enfraquecimento desse item, o que motiva, por sua vez, uma busca por redundância. (CUNHA, 2001, p. 19).

Isso pode ser observado em:

> (5) Inf. [...] ainda *NUM* tinha energia durmia a luis de vela ( ) lamparina né? pegava água nus vizim… eu já passei muitas dificuldade… é… aí logo a

> gente meu sogro né? seu ( ) tamém já é falecido ele já faleceu… juntô mais minha sogra e comprô as teia… (GO33FF-Joana)

Neste excerto, fica evidenciado o desgaste fonológico. Esse tipo de desgaste, em situações de fala, acaba por fazer o operador de verificação pareça mais fraco, diminuindo o nível informacional do mesmo. Por isso o falante busca a redundância de marcação. Essa redundância gera NEG2 (*NUM+SV+NÃO*). Segundo a autora, em um primeiro momento esse segundo *NÃO* tinha como escopo toda a sentença, sendo separado por vírgula na escrita. Porém, com o tempo, ele se aproximou do Sintagma Verbal, gerando NEG2 – 2º estágio.

Nesse segundo estágio, há a prioridade informacional, visto que o falante opta por esta construção a fim de garantir que seu interlocutor entenderá o que está sendo dito. Este tipo de construção pode ser observado em:

> (6) Inf. [...] tem meu esposo tem minha casa graças a Deus… tem o que cumê graças a Deus… tem ropa tem calçado… as veis *NUM* pode sê do melhó *NÃO* mais eu tem graças a Deus e gosto muito dessa vida qu/eu levo e tem fé que um dia meu esposo vai tá junto comigo na igreja com meus filho… (GO33FF-Joana)

De acordo com Cunha (2001), NEG3 também surge do desgaste fonológico sofrido por NEG1:

> A redução fonológica do não pré-verbal tem duas conseqüências relacionadas. Primeiro, o marcador pós-verbal enfático é reanalisado como um constituinte da sentença negativa. Segundo, dado o seu enfraquecimento fonológico, o próprio marcador pré-verbal é reinterpretado como um elemento opcional, o que leva à emergência da construção SV + não. (CUNHA, 2001, p. 20).

No estágio 3, observa-se o afastamento do *NÃO* pré-verbal do sintagma nominal o que acaba desembocando no 4º estágio que consiste no apagamento total dele, mantendo-se apenas NEG3 (*SV+NÃO*). Pode-se observar isto em:

> (7) Inf. [...]Inf. Fiis uma festinha até boa… festa como podia fazê né? já tava começano ficá brefado fazê quando eu casei aí… ô fui só casano passô::: casamento foi muito bom pro oro *NÃO* que o oro sumiu de mim virô um setenta que fiquei brefado muito tempo (GO38MF-Sérgio)

No entanto, a autora argumenta que em seus dados NEG3 ocorre somente como resposta a perguntas diretas, o que não é verificado no trecho exposto acima e em outras ocorrências no *corpus*. Assim sendo, nota-se uma diferenciação do que foi observado pela autora em Natal-RN e o que se observa em Goiás-GO.

De acordo com a reflexão exposta aqui, nota-se que o domínio da negação pode ser ocupado por 3 construções diferentes: pré-verbal (NÃO+SV); dupla negação (NÃO+SV+NÃO); e negação pós-verbal (SV+NÃO). A escolha de uma dessas alternativas se dará no momento da interação verbal por conta de pressões externas. Essa alternância de formas

gera o que é chamado sincronicamente de variação. Essa variação se dá por razões diacrônicas, visto que o surgimento de novas formas para funções já existentes não se dá de forma abrupta. Isso tudo ressalta o caráter essencialmente pancrônico do funcionalismo (CUNHA, 2001).

Considerações finais

Em Cunha (2001), há reflexão a respeito da variação de formas no domínio da negação com considerável aderência ao estudo em questão. Sabe-se que há forças pragmáticas envolvidas nessa variação, seja por razões de informatividade, seja por economia, o falante optará por uma das formas. Passa-se de uma forma marcada, NEG1, que sofre um desbotamento semântico – por conta de um desgaste fonológico –, acaba perdendo força e, portanto, iconicidade. O falante, por razões de informatividade, acaba por reforçar a marcação da negação com outro NÃO, este posposto ao SV – NEG2. E, então, por razões de economia, o NÃO anteposto ao SV pode ser apagado, gerando NEG3. O falante sempre terá a seu alcance a criatividade para que a estrutura linguística represente bem suas intenções comunicativas junto a seu interlocutor.

Essas variantes independentes podem ter influência no momento da comunicação, sendo bastante cabível a avaliação de seu peso relativo em uma rodagem no software de análise estatística. Será necessário voltar aos dados e analisar o contexto de enunciação de cada uma das ocorrências a fim de averiguar se essas pressões podem ser descritas, qual o percentual de NEG3 como respostas a perguntas diretas.

Dando continuidade à pesquisa, será verificado se a dupla negação (NEG2), presente na fala vilaboense, ocorre no mesmo contexto que se utilizam a negação anteposta ao sintagma verbal (NEG1) e a negação posposta ao sintagma verbal (NEG3) e os contextos – considerando a variáveis linguísticas e extralinguísticas – em que ela é favorecida. Na revisão de literatura, verificou-se que, em contextos em que a informação não é ativada ou não é inferível discursivamente, NEG2 e NEG3 não ocorrem, portanto, essa variável será controlada para que se possa averiguar se o mesmo ocorre no *corpus* desta pesquisa. Além disso, serão controladas as variáveis: tipo de sequência discursiva, tipo de sujeito, tipo de oração e a presença (ou ausência) de marcadores conversacionais que, como assinalado por Nascimento (2014, p. 67), podem desfavorecer NEG2 e NEG3.

A partir disso, será possível averiguar quais variáveis linguísticas e sociais contribuem para a escolha de cada uma das formas e se o fenômeno se caracteriza como variação estável ou mudança em curso, considerações viabilizadas a partir de uma comparação entre dois *corpora* de fala vilaboense.

Assim sendo, tem-se como hipótese a existência de uma variação estável entre as formas, principalmente em contextos em que o escopo da negação tenha sido ativado discursivamente.

Referências

BYBEE, J. L. **Língua, uso e cognição**. Tradução de: Maria Angélica Furtado da Cunha. São Paulo: Cortez, 2016.

CASTILHO, A. T. **Nova gramática do português brasileiro**. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

COELHO, I. L.; GÖRSKI, E. M.; SOUZA, C. M.; MAY, G. H. **Para conhecer Sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2015.

FREITAG, R. M. K. Idade uma variável sociolinguística complexa. **Línguas & Letras**, v. 6, p. 105-12, 2005.

_____. **Documentação sociolinguística**: coleta de dados e ética em pesquisa. São Cristóvão: Editora UFS, 2017. 82 p.

GARCIA, G. D. R para linguistas – Parte 1 de 8. **YouTube**. 27 de out. de 2020. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=VT5t78TE7Ag. Acesso em: 23 de dez. de 2020.

GIVÓN, T. **Functionalism and grammar.** Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1995.

GÖRSKI, E. M.; TAVARES, M. A. "Objeto de estudo na interface variação-gramaticalização. In: BAGNO, M.; GALVÃO, V. C. C.; REZENDE, T. **Dinâmicas funcionais da mudança linguística**. São Paulo: Editora Parábola, 2017.

LABOV, William. **Principles of linguistic change: social factors.** Oxford: Blackwell, 2001.

_____. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola, [1972] 2008.

LAVANDERA, B.R. **Variación y significado**. **Los límites de la variable sociolinguistica,** Buenos Aires, Hachette, 1984, pp. 37-46.

NASCIMENTO, C. A. R. **A negação no português falado em Vitória/ES**. 98 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos). Programa de Pós-Graduação *stricto sensu* em Linguística da Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais, Vitória - ES, 2014.

NEVES, M. H. M. **Gramática Funcional**: interação, discurso e texto. São Paulo: Contexto, 2018.

OUSHIRO, L. Tratamento de dados com o R para análises sociolinguísticas. In: FREITAG, R. M. K. (org.). **Metodologia de coleta e manipulação de dados em Sociolinguística**. São Paulo: Blucher, 2014. p. 133-176.

RIBEIRO, L. C. S. **Variação pronominal de primeira pessoa do plural: *nós* e *a gente* na Cidade de Goiás.** 129 f. Dissertação (Mestrado em Língua e Interculturalidade). Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Língua, Literatura e Interculturalidade, Campus Cora Coralina, Universidade Estadual de Goiás, Goiás - GO, 2020.

ROCHA, R. S. **A negação dupla do português paulistano**. 2013. 97 f. Dissertação (Mestrado em Linguística)- Programa de Pós-Graduação em Semiótica e Linguística Geral, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. Disponível em: www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8139/tde.../2013_RafaelStoppaRocha_VCorr. pdf. Acesso em: 15 fev. 2016.

SILVA, L. A. **Os usos "até" na língua falada na cidade de Goiás**: funcionalidade e gramaticalização. Goiânia, 2005. 187 p. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Federal de Goiás.

TAVARES, M. A.; GÖRSKI, E. M. Variação e sociofuncionalismo. In: MARTINS, M. A.; ABRAÇADO, J. (Org.). **Mapeamento sociolinguístico do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2015, p. 249-270.

VARJÃO, V. **Barra do Garças**: do passado ao presente. Brasília: Senado Federal, 1992.

VIEIRA, J. M. **TIDYVERSE**: OS PACOTES MAIS USADOS NO R. Não p. Disponível em: https://operdata.com.br/blog/tidyverse-os-pacotes-mais-usados-no-r/. Acesso em: 20 de jan. de 2021.

YACOVENCO, L. C.; NASCIMENTO, C. A. R. A negação no Português falado em Vitória/ES. **Revista (Con) Textos Linguísticos**, v. 10, n. 17, P. 122-138, dez. 2016.

WEINREICH, U. *et al*. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.